

Programas de Educação Empreendedora em Instituições de Ensino Superior: a importância do estudo de traços da cultura organizacional.

Renato Fonseca de Andrade, Ms – renatoa@sebraesp.com.br
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
SEBRAE-SP – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo
End.: Rua São Sebastião 1442 ap. 31 CEP 14015-040 – Ribeirão Preto – SP

Ana Lúcia Vitale Torkomian, Dra – torkomia@power.ufscar.br
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
End.: Via Washington Luiz, Km 235 – Caixa Postal 676
CEP 13565-905 – São Carlos – SP

***Resumo:** O período contemporâneo é caracterizado por transformações tecnológicas, econômicas, políticas, sociais e culturais, que afetam as relações entre países, empresas e profissionais. Neste ambiente, a inovação torna-se o grande diferencial competitivo e a personalidade empreendedora é associada com capacidades como a percepção de oportunidades e o poder de realização, podendo ser aplicada tanto em empresas próprias quanto nas carreiras corporativas. Uma das iniciativas praticadas para o desenvolvimento desta personalidade é a implantação de Programas de Educação Empreendedora em Instituições de Ensino Superior. Neste contexto, o artigo apresenta os principais resultados de um estudo realizado do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos, caracterizando a complexidade do tema e a importância da compreensão de traços da cultura organizacional.*

***Palavras-chave:** Empreendedorismo, Educação empreendedora, Inovação, Empregabilidade.*

1. INTRODUÇÃO

No início do século XXI, fatores como a diminuição de postos de trabalho tradicionais e as modificações nas relações de emprego passam a influenciar atitudes relacionadas ao desenvolvimento profissional dos indivíduos.

Neste cenário, é compreensível que uma alternativa a ser considerada pelo futuro profissional seja a criação do próprio posto de trabalho, seja de forma autônoma, seja através de uma empresa própria. Destacando as escolas de engenharia brasileiras, pode-se observar a necessidade da formação de futuros engenheiros com perfil empreendedor.

Este contexto suscita debates calorosos no ambiente acadêmico, existindo vários questionamentos, como por exemplo: seria papel da universidade estimular o empreendedorismo? Quais são as bases científicas do tema? É possível ensinar alguém a ser empreendedor? Além dessas, muitas outras questões revelam a complexidade e diversidade do assunto.

Na tentativa de contribuir para a compreensão dessa complexidade, foi realizado um estudo no Departamento de Engenharia de Produção – DEP, da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, que procurou desvendar alguns aspectos de sua cultura organizacional relacionados ao tema empreendedorismo, demonstrando a importância deste tipo de análise

para a condução adequada de Programas de Educação Empreendedora - PEE, de acordo com as especificidades de cada organização de ensino.

Portanto, o objetivo deste texto é apresentar aspectos do estudo, com foco no subsistema cultural corpo docente, procurando contribuir com elementos para a reflexão da comunidade acadêmica, e da sociedade de uma forma geral, em relação ao tema empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior - IES.

2. EMPREENDEDORISMO E PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Várias escolas de pensamento procuraram estabelecer definições para o termo empreendedorismo. Essas escolas podem ser classificadas através de duas vertentes, uma que define o termo como uma função econômica e outra que o relaciona com características pessoais.

A abordagem econômica iniciou-se por volta do século XVIII, com Richard Cantillon, que argumentou que empreender significava o risco de comprar por um preço conhecido e vender por um preço incerto. Jean Baptiste Say ampliou a definição ao associar os fatores de produção e desenvolvimento econômico à ação empreendedora. Os trabalhos de Joseph Schumpeter, apresentados em 1911, adicionaram o conceito de inovação à definição de empreendedorismo e o termo foi popularizado a partir de então. Schumpeter argumentou que o empreendedor é aquele que desenvolve “novas combinações”, que se traduzem no desenvolvimento de novos mercados, novos produtos, novos serviços e novos métodos de distribuição e produção (DYER, 1992; STEVENSON, 1999).

Outros analistas têm focado suas pesquisas no estudo das características do empreendedor, procurando entender o empreendedorismo em seus aspectos psicológicos e sociológicos. Estes estudos têm encontrado algumas características comuns aos empreendedores, como a propensão ao risco. No entanto, segundo STEVENSON (1999), as duas vertentes apresentadas abordam somente alguns aspectos de alguns empreendedores, existindo vários contra-exemplos às teorias. O autor complementa apresentando o empreendedorismo como um fenômeno comportamental, que se traduz no aproveitamento de uma oportunidade sem a garantia de que todos os recursos estão controlados. Por sua vez, DOLABELA (1999) cita que “até a década de 1980, os comportamentalistas dominaram o campo do empreendedorismo, com grande quantidade de pesquisas e publicações que procuravam definir as características dos empreendedores. Mas os resultados obtidos são diferenciados e muitas vezes contraditórios. Até hoje, não foi possível estabelecer cientificamente um perfil psicológico do empreendedor, devido às inúmeras variáveis que concorrem na sua formação. Assim, o perfil do empreendedor será diferente em decorrência do tempo em que está no mercado. Também influem a experiência de trabalho, a região de origem, o nível de educação, a religião e a cultura familiar”.

O *Global Entrepreneurship Monitor* - GEM, importante pesquisa realizada simultaneamente em vários países do mundo, em seu relatório executivo 2000, ressalta a importância que os políticos de todo o mundo têm dado ao desenvolvimento e implantação de estratégias que fomentem e sustentem a atividade empreendedora, considerando seus reflexos na economia e na sociedade (BYGRAVE, 2000).

Entre outras iniciativas, é preciso atuar diretamente nas pessoas que irão ser responsáveis por identificar oportunidades e propor soluções inovadoras, sejam como colaboradoras de organizações, ou como autônomas, ou como empresárias.

Além disso, os profissionais deverão apresentar características de perfil como percepção do todo e compreensão multidisciplinar, capacidade criativa, coragem e ousadia, valorização da qualidade de vida, conhecimento emocional, flexibilidade, visão de futuro, conhecimento técnico em suas áreas de afinidade, cultura geral, conhecimento de outros idiomas e

tecnologia da informação, valores éticos e conduta transparente, curiosidade, capacidade de realização, capacidade de liderança e comunicação.

Neste sentido, uma solução que vem sendo adotada por vários países, principalmente através de suas Instituições de Ensino Superior, é o desenvolvimento e aplicação de Programas de Educação Empreendedora - PEE.

Assim, pode-se constatar que as universidades brasileiras devem estar preparadas e conscientes para a formação de empreendedores e não somente de técnicos competentes.

Mas é possível ensinar alguém a ser empreendedor? Esta é uma questão polêmica que não apresenta uma conclusão definitiva. FILION (2000) argumenta que não existe uma receita, mas algumas pistas que podem auxiliar alguém que pretenda empreender. Por sua vez, LOCKE e SITEMAN (2003), considerando a experiência do MIT, argumentam que empreendedorismo pode ser ensinado e que existe uma pluralidade de caminhos possíveis neste sentido. Portanto, este é um grande desafio existente nas universidades brasileiras e o primeiro passo para sua superação é justamente a compreensão de aspectos organizacionais das IES, especificamente no que diz respeito a traços da cultura organizacional.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo apresentado neste texto é parte de uma pesquisa de maior amplitude que teve como questão central a caracterização da concepção dos subsistemas culturais alunos e docentes do Departamento de Engenharia de Produção – DEP, da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, com relação a Empreendedorismo e Programas de Educação Empreendedora. Este artigo, especificamente, apresenta considerações decorrentes do subsistema cultural corpo docente.

O trabalho desenvolvido teve um caráter exploratório, uma vez que este tipo de estudo contempla “investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos” (LAKATOS e MARCONI, 2001).

Além disso, a pesquisa analisou alguns elementos do ponto de vista cultural de uma organização de ensino superior. Assim, foi caracterizada como uma pesquisa social. Para MINAYO (1994), “o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo”, o que direcionou a escolha metodológica para os aspectos que definem uma pesquisa qualitativa, complementada por elementos quantitativos.

Além disso, devido às suas características adequadas, o estudo de caso foi o método utilizado para a realização desse trabalho. Para a obtenção dos dados em um estudo de caso, a maioria dos pesquisadores qualitativos utiliza o trabalho de campo (BOGDAN e BIKLEN, 1999).

A definição da área de abrangência do estudo fundamentou-se pela caracterização do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos como iniciante em PEE, e pela necessidade de decisões estratégicas para sua evolução

A opção feita para a coleta dos dados foi pela técnica de entrevista semi-estruturada, que foi desenvolvida através de roteiros específicos. A coleta de dados foi realizada durante o ano de 2002 e, com relação ao corpo docente, foram realizadas entrevistas com 56% do universo.

A análise dos dados coletados foi realizada com a utilização das técnicas propostas pela análise de conteúdo e com auxílio de softwares específicos, no sentido de minimizar interpretações subjetivas do pesquisador. Segundo BARDIN (2000), “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”.

Ainda conforme BARDIN (2000), existem várias técnicas para a realização de uma análise de conteúdo, entre elas: a análise de avaliação, a análise da enunciação, a análise da expressão, a análise das relações, a análise do discurso e a análise categorial, a mais antiga e a mais utilizada e que foi a técnica empregada na pesquisa. Na análise categorial, os padrões identificados, classificados em uma codificação específica, ou categorias, forneceram então os elementos necessários a uma análise conclusiva.

A seguir, são apresentadas as perguntas direcionadoras das entrevistas e as principais considerações decorrentes das categorias analisadas para o subsistema cultural corpo docente, seguidas pelos aspectos conclusivos do artigo.

4. SUBSISTEMA CORPO DOCENTE – CATEGORIAS

4.1 Categoria 1 - características do profissional contemporâneo

Pergunta direcionadora: quais as principais características que um profissional contemporâneo deve apresentar?

Esta categoria destaca a compreensão que o corpo docente tem das características que o profissional contemporâneo deve apresentar para atuar no mercado de trabalho. Foram identificadas as seguintes subcategorias: flexibilidade, iniciativa, relacionamento (comunicação) e técnica, ficando clara a importância dada pelos docentes a uma combinação entre comportamento e técnica.

a) Flexibilidade

Esta é uma característica que expressa a importância da capacidade de lidar com situações inusitadas, de possuir um certo “jogo de cintura”, muito mais no sentido de percepção de uma situação e da criação de uma solução do que de uma prostração diante do novo. Neste contexto, flexibilidade significa abertura para o novo, para o aprendizado contínuo, para a adaptação e está muito relacionada com o desenvolvimento de novos conhecimentos.

b) Iniciativa

Esta caracterização aparece com bastante intensidade e em algumas vezes se mistura com o sentido de flexibilidade citado anteriormente. Existe uma preocupação em ressaltar que é preciso ser pró-ativo, procurar naturalmente por problemas e soluções, e agir no sentido da melhoria, da descoberta, tendo consciência de que a dinâmica do mundo não permite uma postura reativa.

c) Relacionamento (Comunicação)

A característica de relacionamento, no sentido da comunicação, expressão, articulação, surge também com bastante força entre os docentes. A impressão é que houve, historicamente, uma grande ênfase em técnica, deixando-se de lado a questão do relacionamento interpessoal, que agora é compreendida e que, de alguma forma, deve ser considerada.

d) Técnica

A técnica surge como uma caracterização com duplo significado nas citações dos docentes. Ao mesmo tempo em que é apresentada como muito importante (e talvez imprescindível) para o profissional desempenhar suas funções, é também claro o entendimento de que não é somente através da técnica que o profissional obtém uma diferenciação no mercado de trabalho.

Neste sentido, vários docentes argumentam que a técnica é algo como uma necessidade básica, mas que isoladamente não fornece brilho suficiente para que o profissional seja percebido, detectado no mercado.

4.2 Categoria 2 - significado de empreendedorismo

Pergunta direcionadora: qual o significado da palavra empreendedorismo?

Pôde-se verificar, pela multidisciplinaridade de origem dos docentes, uma grande variação de compreensões sobre o termo. Estas diferentes atribuições de significado se desdobram em outras subcategorias: abertura de um negócio, atitude, inovação e desconfiança.

a) Abertura de um negócio/criação de uma empresa

Com relação à associação do termo empreendedorismo com abertura de uma empresa, pode-se perceber entre os docentes duas correntes bastante distintas, uma que considera que empreendedorismo é sinônimo de abrir um negócio e outra que amplia o conceito, procurando destacar que empreendedorismo significa mais do que a abertura de uma empresa.

b) Atitude

A associação de empreendedorismo a uma atitude surgiu com bastante intensidade entre os docentes, principalmente relacionada com a capacidade de identificar oportunidades e realizar ações. Surgem então outros dois desdobramentos: esta atitude pode ser aplicada tanto em um negócio próprio, quanto em uma empresa na qual o profissional atua como empregado.

c) Inovação

Um outro significado atribuído para a palavra empreendedorismo é o da geração de negócios e produtos inovadores. Esta é uma associação similar ao conceito de empreendedor proposto por Schumpeter e muito importante para o termo empreendedorismo, em uma época na qual a capacidade de inovação é posicionada como diferencial competitivo de empresas e países.

d) Desconfiança

Um significado também atribuído pelos docentes expressa desconfiança em relação ao termo empreendedorismo. Esta expressão manifesta-se de várias formas. A mais intensa é a que se refere a uma espécie de preconceito que associa o fato de que o estímulo à ação empreendedora é uma espécie de ilusão que um mercado desequilibrado, desestruturado, cria para manter-se em movimento.

Segundo este significado, que também indiretamente associa o termo à criação de empresas, empreender é algo dependente do capital e que, não sendo o capital disponível para todos, seu estímulo seria uma espécie de manipulação de emoções e sonhos dos indivíduos.

4.3 Categoria 3 - experiência empreendedora

Pergunta direcionadora: já vivenciou a experiência de abrir uma empresa? Pretende ter esta experiência no futuro?

A análise das unidades de registro mostra que muitos dos docentes entrevistados (73,68%), nunca tiveram uma experiência empreendedora através de um negócio próprio, e nem pretendem ter no futuro (47,37%).

Contrariamente a estas considerações, existem alguns docentes que exerceram atividades em um negócio próprio (26,32%), ou aqueles que, embora nunca tenham tido a experiência, consideram-na como uma opção para o futuro. Com relação às expectativas de futuro, alguns entrevistados (47,37%) demonstram interesse, após a aposentadoria, em um negócio próprio, principalmente na atividade de consultoria.

4.4 Categoria 4 – relevância

Pergunta direcionadora: empreendedorismo é relevante na sociedade atual?

Esta categoria aborda as impressões que o corpo docente tem em relação à criação de empresas e seu reflexo na comunidade. Percebe-se duas correntes de pensamento. Uma que considera relevante para a sociedade a criação de empresas (84,21%), principalmente pela geração de empregos e criação de riqueza e uma outra (15,79%), que considera irrelevante o fato de se criar empresas em uma situação conjuntural desfavorável, principalmente porque as chances de permanência desta empresa no mercado seriam remotas. Este segundo viés denota novamente uma grande preocupação com questões conjunturais, que teriam que ser resolvidas antes e, portanto, estimular a criação de empresas neste momento seria perda de energia e tempo. As dificuldades e altas taxas de mortalidade empresarial brasileiras são a base dessa argumentação.

4.5 Categoria 5 - participação em atividades relacionadas a empreendedorismo

Pergunta direcionadora: existe participação em atividades relacionadas a empreendedorismo?

O que pôde ser detectado é a existência de um interesse natural pelo tema, no entanto, a transformação deste interesse em realidade é muito pouco praticada. A principal argumentação é a falta de tempo, principalmente porque o tempo é direcionado para as áreas de pesquisa prioritárias do docente.

De um modo geral, o tema empreendedorismo pode ser entendido como objeto de curiosidade, mas não de prioridade. Este entendimento revela também a existência de uma receptividade natural ao assunto, bastando um estímulo para que possa se tornar prioridade.

4.6 Categoria 6 – PEE como diretriz

Pergunta direcionadora: empreendedorismo deve ser um tema norteador das atividades do Departamento de Engenharia de Produção?

A análise das entrevistas revela a existência de posicionamentos favoráveis que associam o empreendedorismo a atitudes pessoais, que seriam necessárias para a atuação do futuro profissional, em qualquer tipo de atividade.

Por outro lado, existem posições contrárias, que apresentam diversos tipos de argumentações. Em uma delas, o fomento ao empreendedorismo deixaria de considerar outros aspectos da formação e intensificaria somente o lado do capital, do *business*, do próprio negócio. Ainda contrariamente, existem alguns traços que apresentam dúvidas quanto à questão do “ensinar a ser” empreendedor na universidade.

Pode-se consolidar as considerações em três tipos de posicionamentos: docentes que consideram o assunto importante, mas não prioritário (57,90%), docentes que consideram o assunto importante e prioritário (21,05%) e docentes que entendem que o tema não é relevante, podendo até ser tratado de maneira opcional (21,05%).

4.7 Categoria 7 - reação do departamento

Pergunta direcionadora: qual seria a reação da comunidade docente do Departamento de Engenharia de Produção em relação a proposta de implantação de um Programa de Educação Empreendedora?

Pela análise das entrevistas, pode-se inferir que a percepção dos docentes expressa uma fragmentação interna, não em decorrência de diferentes grupos de pesquisa, mas principalmente pela diversidade de formação e vivência

Esta diversidade é interessante e profícua para o desenvolvimento de novas propostas e descobertas, no entanto, quando revela traços de resistência baseados em conceitos pré-estabelecidos, pode ser extremamente danosa em relação a transformações, e não somente para aquelas referentes a um Programa de Educação Empreendedora.

Esta resistência manifestou-se através de diversas formas como, por exemplo, na invocação imediata de uma teoria; na argumentação baseada em considerações de influências políticas; na própria compreensão do que o termo empreendedorismo significa e no receio do docente em lidar com o tema.

Por outro lado, existe em grande parte dos entrevistados o entendimento de que uma proposta como esta seria bem recebida pelos docentes, o que sinaliza a existência de um terreno fértil para a germinação de atividades.

4.8 Categoria 8 - modelos de atuação em sala de aula

Pergunta direcionadora: como deveria ser uma aula?

Esta categoria procura agrupar elementos que expressam a percepção dos docentes em relação ao modelo de aula. Pode-se identificar uma tendência quase única no questionamento do modelo tradicional expositivo e na necessidade da transformação nos métodos de ensino para algo mais vibrante, mais prático. Embora esta necessidade não esteja associada diretamente a um conteúdo de empreendedorismo, é relevante para ser registrada por este estudo, pois é um item fundamental em Programas de Educação Empreendedora.

Muitos docentes afirmam a importância de se trabalhar a aplicação da teoria, procurando desenvolver atividades práticas a partir da sala de aula. Outras afirmações referem-se à necessidade de integração entre as disciplinas, no desenvolvimento de competências e na reformulação da atuação em sala de aula.

4.9 Categoria 9 - alunos

Pergunta direcionadora: como pode ser caracterizado o corpo discente do departamento?

Esta categoria reúne as impressões sobre o corpo discente e revela também traços que reforçam a idéia de uma forte tradição em associar mercado de trabalho com atuação em grandes empresas e, por consequência, com a formação de empregados com este direcionamento.

Além disso, existe o sentimento de que os alunos não se sentem preparados para o mercado de trabalho e, antagonicamente, um outro tipo de entendimento presente entre os docentes é de que os alunos sentem-se preparados para a entrada no mercado de trabalho.

Esse preparo provém do alto conceito da universidade e do departamento perante o mercado e que, de certa forma, traduz-se por uma preferência aos profissionais formados.

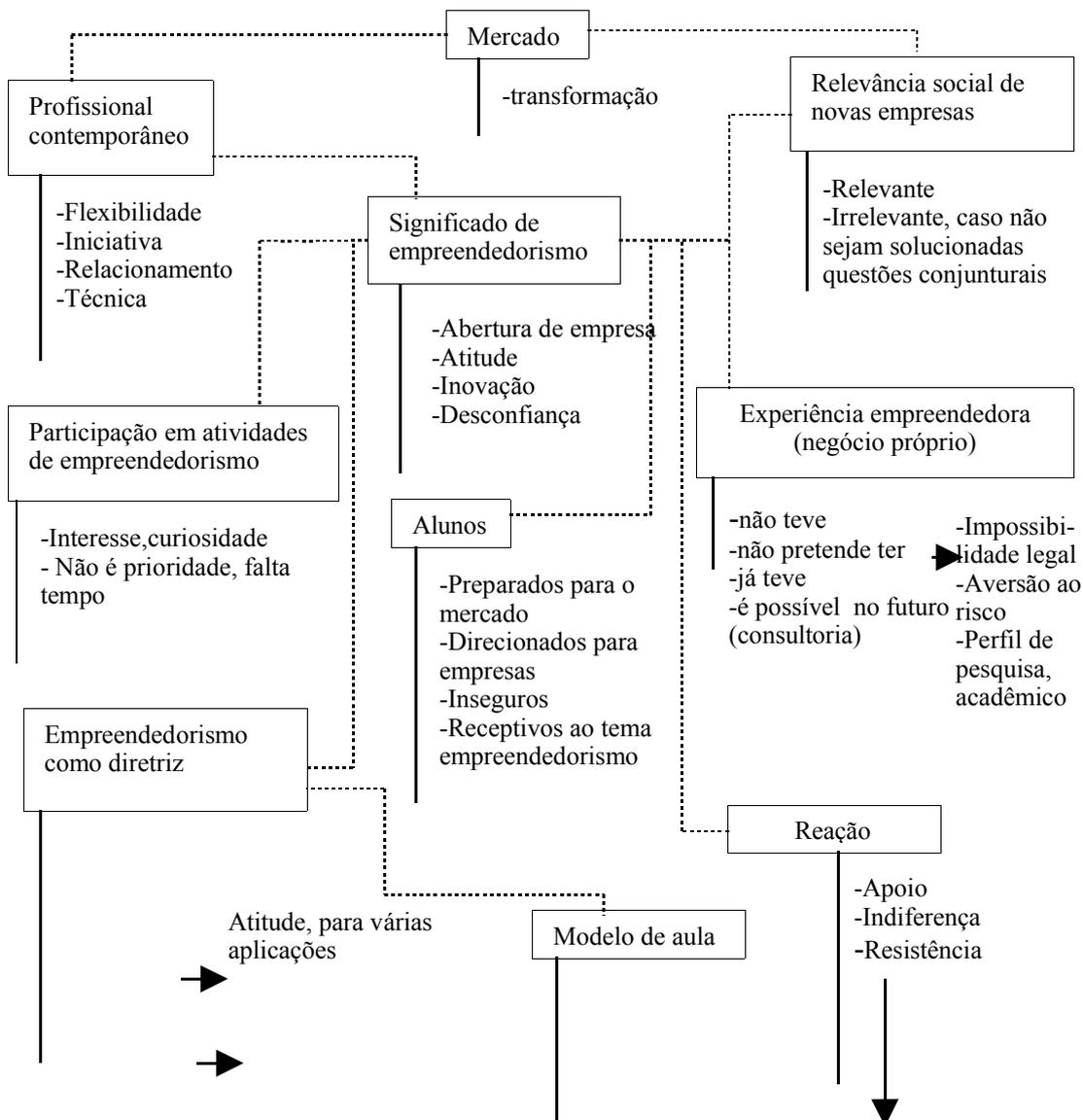
Estes dois pontos de vista antagonicos podem encontrar um equilíbrio em uma outra argumentação, segundo o qual o aluno, já bem preparado, poderia receber outras referências na universidade. Neste sentido, pôde-se verificar nas entrevistas com os docentes que o assunto empreendedorismo seria bem recebido pelos alunos, existindo até um certo movimento em busca de informações sobre o tema. Uma última consideração a ser feita é de que uma minoria de alunos demonstra interesse natural pela criação do próprio negócio.

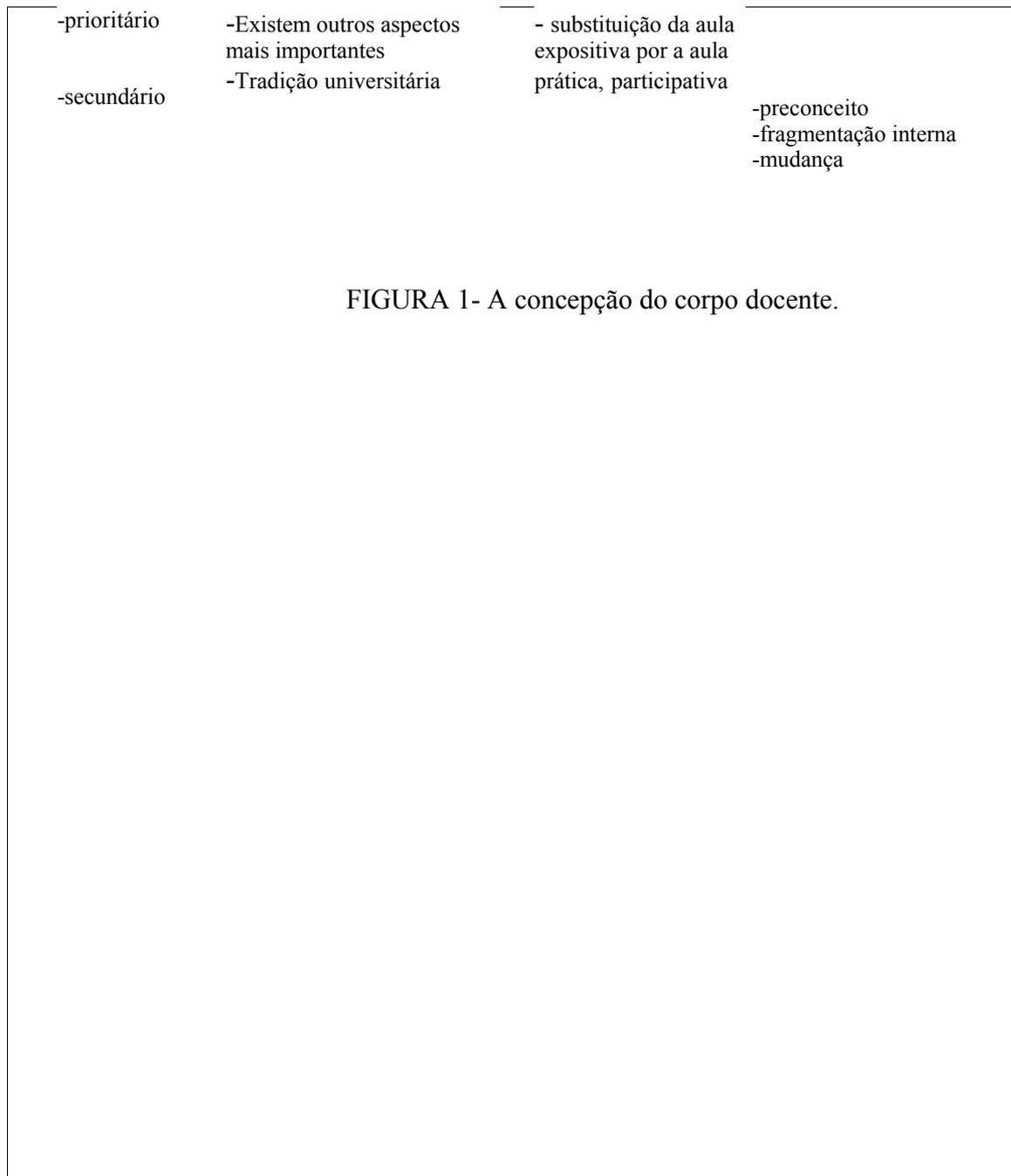
5. CONCLUSÃO

Inicialmente deve ser registrado que os resultados obtidos são intrinsecamente relacionados ao departamento estudado, no que diz respeito ao subsistema cultural corpo docente.

Pelas características da pesquisa realizada, não é possível uma extrapolação de resultados para outras Instituições de Ensino Superior, que tem sua própria realidade, no entanto, muitas das informações obtidas significam pistas que podem encontrar similaridades em outros contextos. O material obtido através das entrevistas permitiu diversas interpretações conclusivas. Uma delas levou à construção de um mapa de relações, que permite a visualização de todas as categorias estudadas.

O mapa é apresentado pela figura 1 e refere-se ao subsistema corpo docente. O conjunto de informações que compõem o mapa produz uma fotografia de alguns aspectos que representam a concepção de docentes com relação ao tema empreendedorismo e Programas de Educação Empreendedora no Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos.





observação da figura permite uma série de considerações. Segundo o entendimento do corpo docente, o mercado em transformação fornece os elementos para a definição das características necessárias ao profissional contemporâneo e ao mesmo tempo revela a importância da abertura de novos negócios, com o objetivo da geração de emprego e renda.

Todavia, o mercado apresenta também a existência de desequilíbrios conjunturais, que podem não oferecer as condições adequadas às novas empresas. Neste caso, abrir empresas seria algo irrelevante, pois as condições para sobrevivência seriam adversas.

Estas duas correntes de pensamento, acrescidas das experiências empreendedoras pessoais (ou da inexistência delas), contribuem para a atribuição de significado ao termo empreendedorismo. Vários significados são atribuídos, sendo que inovação e atitude são relacionados diretamente com o perfil do profissional contemporâneo e com o estabelecimento do empreendedorismo como uma diretriz prioritária no departamento. Esta diretriz apresenta reflexos na reformulação do currículo e na atuação em sala de aula, que de

uma maneira geral deveria adotar uma metodologia mais interativa, prática e dinâmica. Neste contexto, os alunos são receptivos ao tema empreendedorismo, pois significa o desenvolvimento de atitudes que podem fortalecer o ingresso na carreira corporativa ou ampliar o campo de atuação, ao apresentar uma nova opção, que é da empresa própria.

Entretanto, existe também o entendimento de que esse assunto não deva ser uma prioridade e sim um item a ser tratado como complementar, ou opcional. Esta compreensão tem respaldo na associação de empreendedorismo com a abertura de empresas, o que não vêm de encontro com a prática tradicional, que é de formar profissionais para empresas. Nesta linha de pensamento, os alunos formados estão suficientemente preparados para atuarem no mercado de trabalho.

De uma maneira geral o tema estimula a curiosidade do corpo docente, determinando um certo interesse pelo assunto e a participação em algumas atividades relacionadas. Todavia, esta participação ainda é pequena, principalmente em decorrência de outras prioridades.

Como resultante de todo esse cenário, a análise que os próprios docentes fazem da reação do departamento a assumir a linha de educação empreendedora combina o apoio, com indiferença e resistência, principalmente decorrente de argumentações teóricas e da grande diversidade de origem dos professores, que proporciona compreensões pessoais bastante diferentes.

Muito embora os aspectos conclusivos não possam ser generalizáveis, o estudo realizado demonstra que o tema empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior é um assunto com várias nuances que deverão ainda ser consolidadas pela comunidade acadêmica. Com certeza, cada IES deverá apresentar características específicas que definem sua maior ou menor afinidade ao tema. Isso quer dizer que a implantação de Programas de Educação Empreendedora deve ser antecedida por estudos que permitam a compreensão de alguns traços culturais que nortearão a tomada de decisões, contribuindo para o fortalecimento de iniciativas que em muito contribuirão para o posicionamento de futuros profissionais no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS:

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1999.

BYGRAVE, W.D. et al. **Global Entrepreneurship Monitor: 2000 executive report**. Babson College, 2000.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DYER, W.G. **The entrepreneurial experience: confronting career dilemmas of the start-up executive**. São Francisco: Jossey-Bass, 1992.

FILION, L.J. et al. **Boa idéia ! E agora ?** São Paulo: Cultura Editores Associados, 2000.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LOCKE, R.; SITEMAN, A.J. **Can entrepreneurship be taught? Reflections from the MIT experience**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PARQUES TECNOLÓGICOS E INCUBADORAS DE EMPRESAS, 13., 2003, Brasília. **Anais...** Brasília: ANPROTEC/SEBRAE, 2003.

MINAYO, M.C.S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

STEVENSON, H.H. A perspective on entrepreneurship. In: SAHLMAN, W.A et al. **The entrepreneurial venture**. 2. ed. USA: Harvard Business School Press, 1999.

ENTREPRENEURSHIP AT INSTITUTIONS OF HIGHER EDUCATION: THE IMPORTANCE OF CULTURE ORGANIZATION STUDY.

***Abstract:** The contemporaneous period is characterized by technological, economical, political, social and cultural transformations, which affect the relations among countries, companies and professionals. In this context, innovation is the greatest competitive differential and the entrepreneur personality is associated to capacities such as the perception of opportunities and the ability to carry out tasks, applied inside ones's own company or also in corporate careers. One of the initiatives for the development of this personality is the implantation of Programs of Enterprising Education at Institutions of Higher Education. Given that, this article presents the main results of a casestudy carried out at the Department of Production Engineering of the Federal University of São Carlos, characterizing the complexity of the subject and the importance of understanding about culture organization aspects.*

***Key words:** Entrepreneurship, Enterprising education, Inovation, Employability.*